

Ler
é poder.

LIFESTYLE AND BUSINESS

FRONTLINE

JUNHO 2009 | ANO II | N.º 13 | MENSAL | €4

BERNARDO TRINDADE

O TURISMO CRESCE
NUMA ESTREITA
ARTICULAÇÃO
ENTRE OS SECTORES
PÚBLICO E PRIVADO

MOITA MACEDO
PINTOR-POETA

OPORTUNIDADES
EM ANGOLA
MERCADO AUSPICIOSO

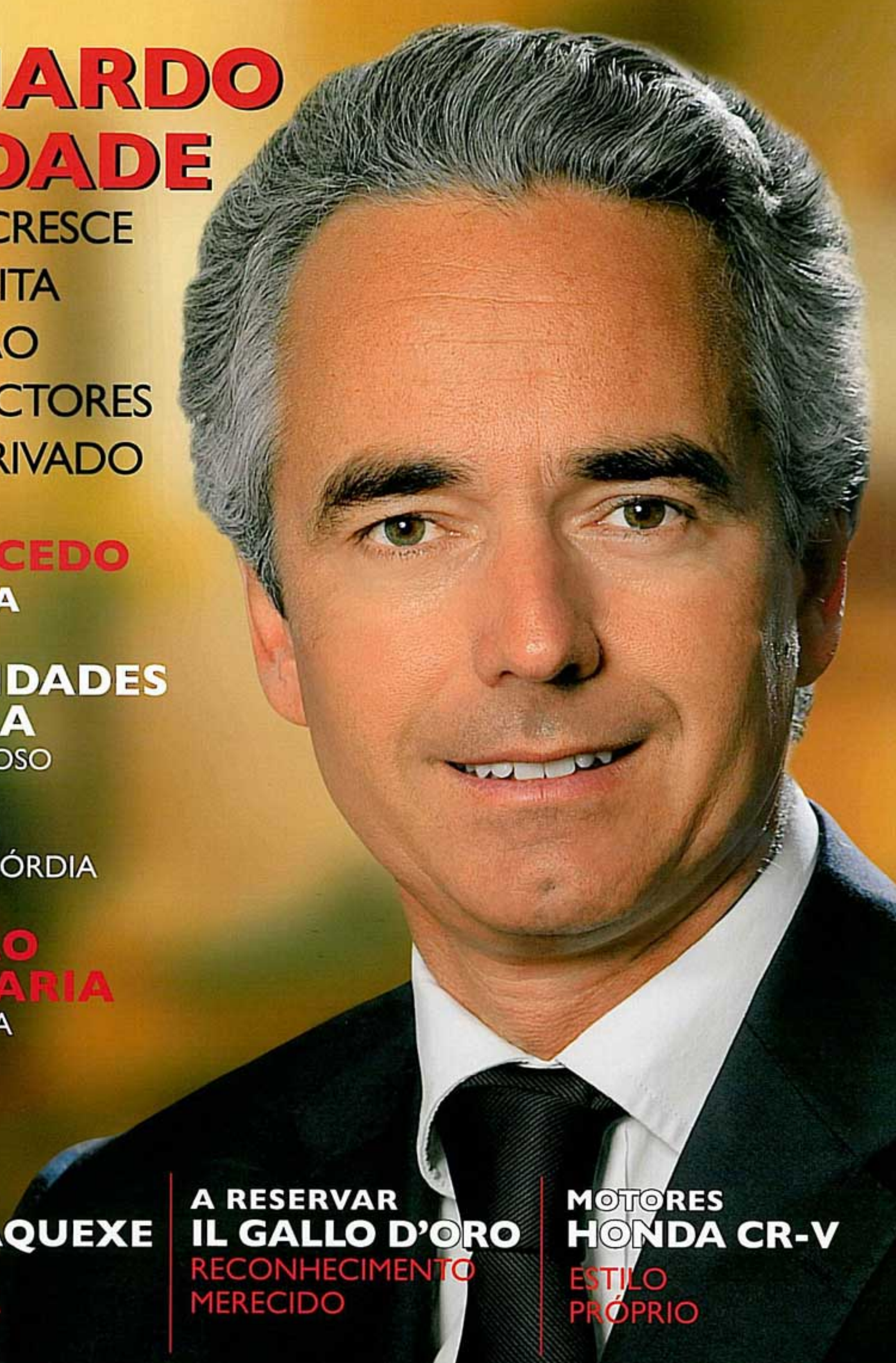
VATICANO
O ROSTO DA DISCÓRDIA

REVOLUÇÃO
NA HOTÉLARIA
VISÃO ECOLÓGICA

DESTINO
MARRAQUEXE
A CIDADE
VERMELHA

A RESERVAR
IL GALLO D'ORO
RECONHECIMENTO
MEREcido

MOTORES
HONDA CR-V
ESTILO
PRÓPRIO





Pintura com alma e sentimento



"O pintor-poeta foi das pessoas mais crianças que conheci. Como companheiro foi ótimo. Aprendi com ele a enfrentar a vida."

Artur Bual, 1985

Moita Macedo é um pintor, um homem num desencontro encantado com a vida que, teimosamente, cumpre invadindo vários campos num anseio de complementaridade, para "intervir", para "dizer" e disse-o, de facto, de muitas maneiras o quão desacetado o mundo vai. É nesta vontade de acerto que este autor se encontra como que no centro dum caos que quer organizar, a que quer sobretudo dar um sentido.



Caravela



Encontro



Sem título

Diz Moita Macedo, num dos seus textos, que a sua pintura se poderia designar como 'memografia', isto é, uma grafia da memória, afirmação que se enquadra no 'informalismo' como prática de pintura e que será a ponte mais continuada e expressiva do seu trabalho. Grafia com memória do passado acontecido mas que se mistura com o acto de realizar. Pintar num sentido duma expressividade quase automática, como que a deixar fluir vontades e desejos num jogo de formas e cores que a razão vai descobrindo e dando ordem. Na obra de Moita Macedo, nos primeiros anos, há uma aproximação da realidade imediata e de registo que os integra numa aparência que deseja ser de interpretação. Afirmar uma maneira de ver. A figuração

com o tempo dilui-se até atingir, em muitos casos, a nitidez do gesto assumido, noutros, uma procura de sobreposições com matéria densa que, através de vários ritmos de 'ataque', resultam depósitos de energia que se deixam ler nas diversas camadas que as insuficiências sentidas revelam, até ao nó final que numa unidade formal e cromática conseguida consideram completa a obra. É natural que algumas das suas obras não tenham título, porque o autor não está a registar um assunto, uma descrição, mas antes a expressão do seu temperamento e experiência acumuladas.

Cada obra deseja, por uma linguagem inventada e não relacionável de "incomunicabilidade", despertar energias na energia que oferece, no gesto que se mantém

aparente e na cor que a serve. A ausência duma geometria e a total liberdade assumida sem preconceitos são a pureza e a procura da beleza através da vontade profunda, sentida e meditada do autor. É como um alfabeto que não constrói palavras porque sempre incompleto, inquieto e renovador na sua estrutura básica.

"Nem minto para que as coisas sejam belas..." A beleza assim é transparência, sinceridade e, naturalmente, neste jogo assim jogado é necessário, sem escapadelas, que o autor se entregue para que a comunicabilidade se estabeleça e a obra entre no circuito do uso, do testemunho, da parte que lhe cabe no entendimento dos homens.

Fernando de Sousa

Professor Catedrático da Universidade do Porto

Moita Macedo (1930-1983)

Sobre o poeta-pintor Moita Macedo

A actividade artística de José Albano Pontes Santos Moita Moraes de Macedo (Benfica do Ribatejo, 17-X-1930, Lisboa, 15-V-1983) está essencialmente concentrada nos últimos dez a treze anos de vida (1970-1983) e revela-nos um itinerário de busca incessante da forma e da matéria, conducente à libertação plena do seu "eu" criador.

Moita Macedo deixou-nos múltiplos "registos" pictóricos, gráficos e verbais dessa original via de libertação, não apenas interior mas materializada num fluxo contínuo e interactivo entre o espírito e a mão – em que, naturalmente, teremos também de incluir os sentidos poemas que escreveu e que seriam reunidos em volume autónomo postumamente.

Num livro publicado em 2005, procurámos interrogar, em simultâneo, as duas expressões, a verbal e a gráfica, do seu percurso criador, indissociáveis no sujeito e no seu legado, como, aliás, o próprio pintor se encarregou de nos lembrar, em dois simples mas eloquentes versos:

*Pinteí versos
Escrevi quadros.*

Num outro poema disse, eloquentemente:

*Se de mim
Só ficar o poema
Mesmo assim –
– valeu a pena*

E, de facto, o "poema" que ficou de Moita Macedo desdobra-se, tanto pelos mundos visionados nos seus inspirados poemas, como pela poética da experimentação e da liberdade realizada nas pinturas e nos inúmeros desenhos que nos legou.

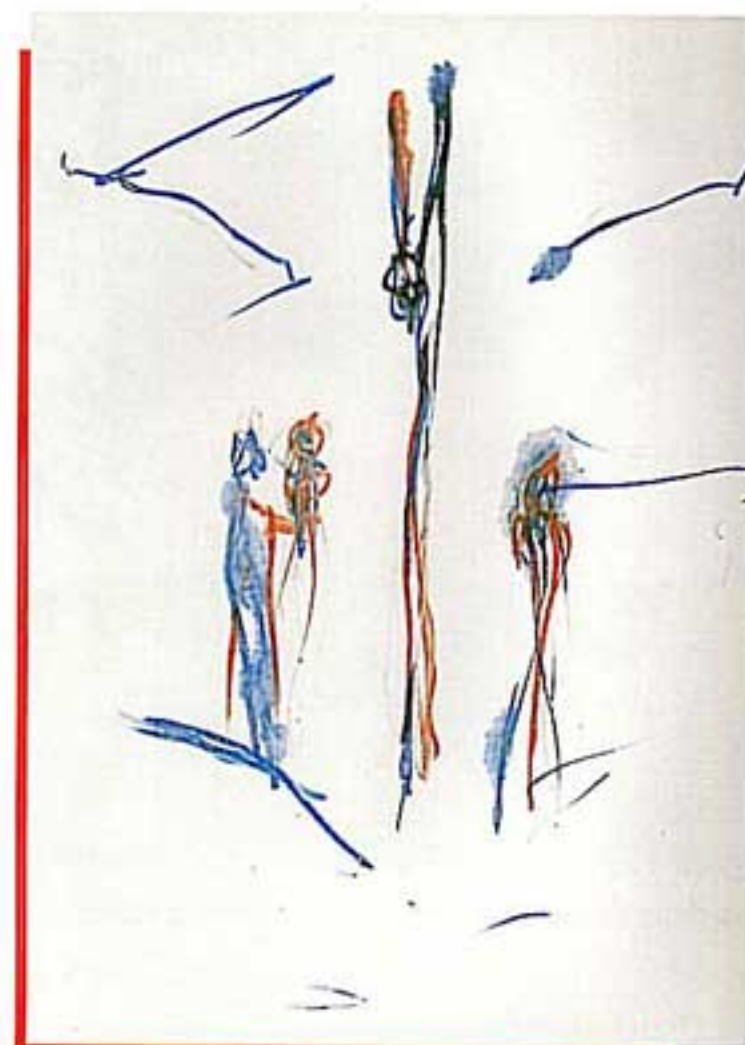
Já tivemos ocasião de sublinhar que a sua poesia é muito mais "comprometida" do que a sua pintura ou o vasto mundo do desenho, em que são relativamente raras, embora significativas, as composições que se referem de forma directa a situações ou a acontecimentos concretos vividos pelo autor em torno da Revolução de Abril.



Sem título

O facto de, como pintor, Moita Macedo se ter confessado "despojado" "do desejo de tudo o que se assemelhe a uma representação do real aparente (realidade só visual)", explicará essa rarefacção da referência ao concreto, em contraste com o que vemos na escrita.

O seu vasto legado de desenhos e pinturas constitui um verdadeiro diário do diálogo entre o espírito e a mão no seu itinerário de libertação, singulares poemas com que se foram escrevendo aquelas "formas memoriais de um mundo concreto e de emocionalismos tradicionais". Essas "formas memoriais" agrupam-se por núcleos temáticos bem definidos, comuns à pintura e ao desenho – o esplendor do corpo feminino nu, os rostos e as máscaras, as cidades, os Quixotes, as tauromaquias, as caravelas, os Cristos e as composições puramente abstractas de carácter profun-



Sem título

damente gestual e experimental em que o autor "desenhou/escreveu", de forma eventualmente mais explícita, aquilo que ele entendeu como a "libertação do gesto criador".

Vários desses grandes núcleos temáticos têm correspondência directa em diversas poesias que escreveu, o que reforça a indissolúvel ligação entre ambos os universos da sua expressão. O primeiro de todos esses agrupamentos, pela invulgar quantidade de exemplares de todas as épocas, é o que se reporta ao corpo feminino, que o pintor-poeta considerou "Meu pão, meu conduto".

Um outro conjunto temático documenta os universos imaginários em que, de forma inequívoca, o autor se projectou, os "outros eus", como se neles "revivesse" ou vivesse tão-só a sua "verdadeira vida", aquela em que, no mais profundo de si mesmo, acreditava.



Criação



Evocação do castelo

A série das "Tauromaquias", teluricamente enraizada na cultura ribatejana (e mediterrânica) das suas origens, encena, numa autêntica "experiência dos limites", poética e visual, o impulso vital que se resolve num permanente desafio entre a pulsão de eros e a pulsão de thanatos (entre a Vida e a Morte).

Quase não há referências na obra poética de Moita Macedo à temática das tauromaquias, situação praticamente singular na sua restante produção. Apenas no ciclo dedicado às "Cidades", o poema *Santarém* faz breve alusão crítica à Festa Brava, num registo em que é prevalecente um distanciamento face ao marialvismo:

*No alto às portas do sol
as muralhas são de oiro
a palavra marialva
tapando os olhos do toiro.*

Portanto, o que lhe interessava não era a destreza manifestada pelo toureiro diante

do toiro, com todas as inscrições sociais daí decorrentes, mas a força telúrica de um combate muito mais colectivo entre a vida e a morte, expressão cultural de carácter universal.

Dentro desse conjunto dos outros "eus", avulta outro importante núcleo temático – o dos Quixotes – que tem directa correspondência textual em algumas das mais belas poesias que escreveu, quando anunciou que "o meu sonho é um cavalo" e se identificou, no *Poema a Dulcineia*, com o herói cervantino, no seu combate contra os moinhos de vento, perseguindo a utopia, esse alimento da esperança:

*Cavalgando no meu rocinante de sonho
sem trela sem freio e sem arreios
solto o meu pendão de papel
ao vento ao sol e à chuva
siga esvoaçante rumo ao fim
pelos campos de ninguém.*

Às cidades, que têm lugar privilegiado na sua

obra plástica, tanto na pintura como no desenho, em composições ora tendencialmente monocromáticas ora em quadriculas estridentes de cor, dedicou todo um interessante ciclo poético, além de referências dispersas noutros poemas. Mais subtil é a relação do vasto núcleo de Cristos desenhados e pintados (em que se incluem alguns Calvários) com os poemas publicados. A cruz e o Crucificado, tão omnipresentes na sua obra plástica, tornam-se não apenas num símbolo de libertação mas também de amor incondicional, como encontramos em *Amigo*:

*Amigo
é quem me estende os braços
nus
faça o que eu fizer
esteja onde eu estiver
mesmo pregado na cruz!*

Finalmente, aquele mais além do sonho, da utopia e da libertação também está presente no belo poema que tem por título *Mar amor*:

*Essa promessa feita de Sagres
de ir mais além
em cada qual
há um henrique-marinheiro.*

E as numerosas caravelas pintadas e desenhadas não serão elas o resultado da identificação/projecção do autor com as naus e os nautas proclamada tanto em *Amo-te como não sei*:

*Sou caravela, amarra, bucaneiro
Uma proa partida de Belém.*

A conclusão a que chega cruza-se, por fim, com a reflexão tão pessoal que faz do Destino Português, no *Poema do Mar Relíquia*:

*Neste extremo da Europa
promontório de Sagres votado ao Cabo
Não
reliquia
terra
flor
tudo isso somos
só não somos nação
isso ainda não!*

EM FOCO

Moita Macedo (1930-1983)



Viajando juntos



Um olhar sobre a cidade

Um dos melhores poemas que Moita Macedo escreveu, intitulado *Definição de uma plástica*, no qual se caracterizou como pintor-poeta, vale, sobretudo, tal como o título indica, como enunciação do seu processo criativo, como ekphrasis perfeita do modo como entendia a sua relação de criador plástico e poético com o mundo e, principalmente, como se via enquanto criador de outros mundos possíveis:

A minha poesia é pedra dura
basalto que rolou pelos fraguados
tem por vezes a algidez da planura
outras vezes a quentura dos vinhedos
e o pensamento é terra
que rescende
ao húmus que fermenta
a folha morta
erótico perfume
a laranjais
simplicidade adusta
duma horta
o meu sonho é um cavalo

sem ter frio
meu suporte e razão
de asas aladas
que me leva pairando
nas alturas
a quanto sinto
a pequenez das estradas
e embebo de uma cor avermelhada
o traço com que firo as minhas telas
eu não canto as belezas
dum sol posto
nem minto
p'ra que as coisas sejam belas.

Não deixa de ser sintomático que o pintor veja o seu autodidactismo na metáfora de um duro basalto que se lapida rolando pelos fraguados da existência, tomando, por vezes, a lucidez apolínea na denúncia ou assumindo, pelo contrário, noutros casos, uma dionisiaca expansividade erótica e gestual. A ambição do autor é claramente mergulhar nas raízes profundas da cultura do seu povo, mas os obstáculos e a desilusão impelem-no ao sonho e

à evasão, na procura de uma libertação que, afinal, se confunde com a violência do gesto, seja de escrita ou pictórico, sobre o papel ou a tela, recusando sempre os conceitos de uma beleza de origem puramente retiniana.

O traço comum a toda a experimentação que percorre a obra do pintor e culmina no que designou por "libertação do gesto criador" parece residir na exploração de um modo verdadeiramente caligráfico de desenhar, unindo escrita e pintura, como aconteceu na milenar tradição chinesa, e se tornou um tópico na arte internacional de matriz europeia desde os anos sessenta.

Desse modo, a arte profundamente conceptualizada e gestual de Moita Macedo se integrou, de pleno direito, no âmago da Modernidade, constituindo uma das mais originais vozes no seio da Arte Portuguesa da segunda metade do século XX.

Fernando António Baptista Pereira
Professor de Belas-Artes e historiador de Arte

SINGULARIDADE

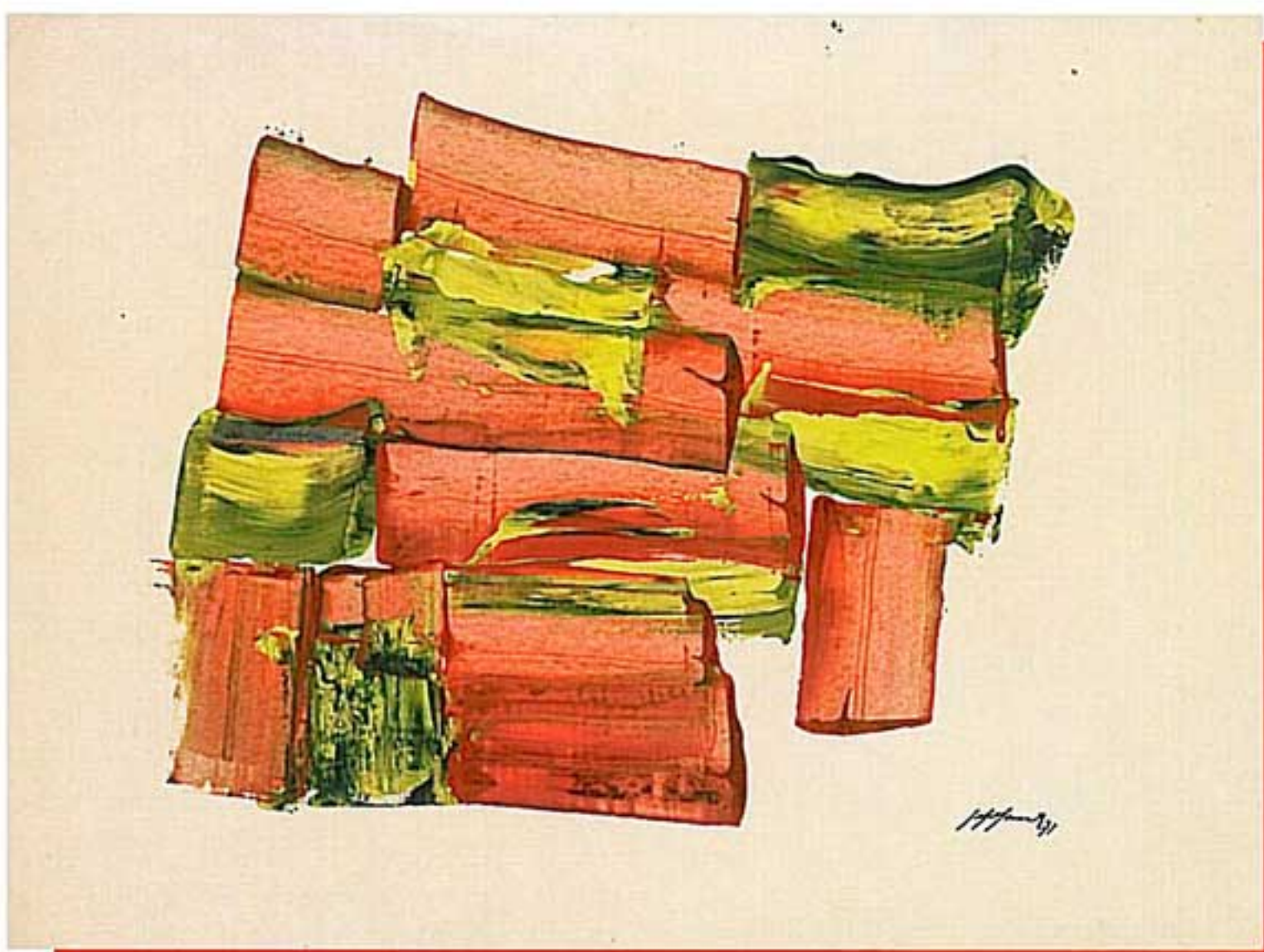
A singularidade de Moita Macedo pintor – que o torna um dos autores mais individualizados, mais diversificados no panorama da nossa cultura – está na subtileza quase invisível das entrelinhas (entre cores) que transfigura, dilatando, através de formas perturbadas de uma perturbante criatividade.

Fernando Dacosta

Escritor



Instrumentos de esperança



Labirintos

Descobri Moita Macedo, há uns anos, numa exposição, e lembro-me de ter ficado logo marcado pelo expressionismo da sua obra. Identifiquei-o de imediato com a era de Bual, pintor pelo qual também nutro forte admiração. A partir daí tenho procurado conhecer melhor o trabalho e percurso de Moita Macedo, nas diversas facetas com que se nos apresenta. Adquiri dois quadros dele e vou, sempre que posso, às exposições onde a sua obra está presente. À medida que vou sabendo mais sobre este autor, mais aprecio a sua pintura: uma pintura com alma e sentimento. O seu traço de forte expressão faz com que nos identifiquemos com a época, uma época que também vivi e que o pintor tão bem captou e retratou. Além da pintura, Moita Macedo deixou ainda um acervo de poemas de relevo. Pintura e poesia contribuem em simultâneo para nos revelar o artista em toda a sua dimensão. Pintor-poeta, considero Moita Macedo uma referência na pintura portuguesa contemporânea.

Jorge Coelho

Presidente da Comissão Executiva do Grupo Mota-Engil

Moita Macedo, no seu inconformismo, encontra no "informalismo" um meio do qual se aproxima e afasta, na procura duma linguagem singular.

Homem lutador incansável pela liberdade e pela igualdade, Moita Macedo deixou-nos múltiplos "registos" pictóricos, gráficos e verbais dessa original via da liberdade. O percurso pictórico de Moita Macedo diz quase tudo sobre a sua obra. O poeta pode não ser pintor; mas o pintor inclui sempre poesia em toda a sua obra, quer se manifeste na cor, na luz, no tema.

Moita Macedo fez questão de pôr poesia na sua pintura, através do gesto livre, sempre querendo dizer algo que fosse entendido como uma referência à vida vivida sem tabus – plena –, sobretudo plena.

É este pintor, com um percurso de vida extremamente activa e participante, apaixonado e irreverente, que permaneceu preso à pintura, como exemplo de uma determinação, de uma vontade, como exemplo de uma paixão sem limites pelo seu trabalho. Detentor de uma vasta obra nas áreas da pintura, desenho e poesia. Moita Macedo é considerado um dos maiores nomes do gestualismo e expressionismo em Portugal. É este Homem que, como amigos que fomos, represento e luto para que o seu nome tenha nacional e internacionalmente o destaque que merece ter.

Agostinho Cordeiro

Galerista



A um deus egípcio

PINTOR-POETA

Na ArtMadrid 2009, em Março, tive oportunidade de voltar a ver a pintura de Moita Macedo, um artista pouco divulgado, mas cuja obra pode ser inscrita, com mérito, na galeria da pintura contemporânea portuguesa.

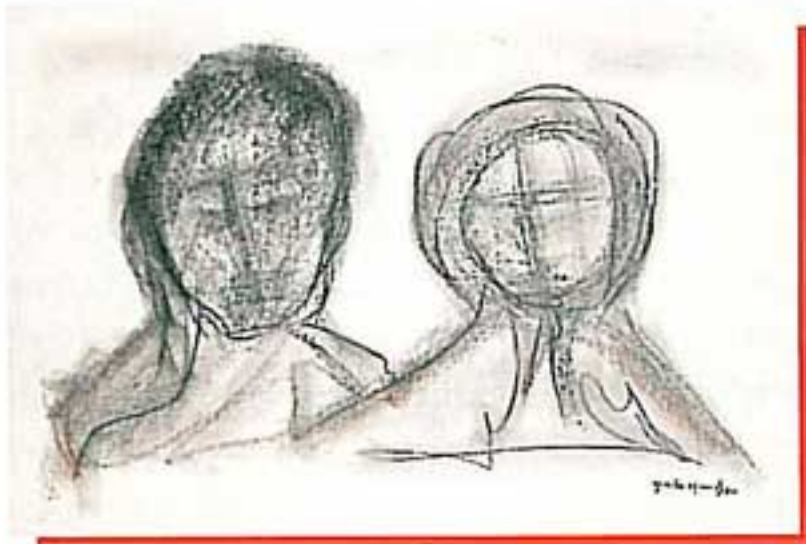
Um artista que deu os primeiros passos pela mão de Almada Negreiros e cujo desaparecimento prematuro deixou para a posteridade o reconhecimento do seu valor e a divulgação da sua obra, que começa agora a merecer atenção e a ocupar um reconhecido lugar na arte contemporânea portuguesa.

Artur Bual e Urbano Tavares Rodrigues foram companheiros do diversificado percurso artístico que percorreu, desde a poesia à pintura, passando também pela escultura. Um percurso, com vários caminhos, mas sempre com profundidade e intensidade.

Faço votos para que a divulgação dos seus trabalhos revele ao grande público o seu talento e o vanguardismo e a riqueza da sua obra. Espero ainda que Moita Macedo passe a integrar o grupo de precursores que fizeram uma geração de artistas que marcou uma época.

José António Pinto Ribeiro

Ministro da Cultura



Pedro e Inês

BIENVENIDOS AL DOLOR...

(...) y a la bondad. Fuerza, drama, rabia, noche y seda. Desde una figuración lírica a un expresionismo existencial, no referencial. Un juego de espejos donde amanecen, de vez en vez, las sombras negras de Michaux. Diálogo sobre la fantasía y la verdad, un poso vivo del tiempo que pasa. Delirio y crónica de la intimidad, del sufrimiento, del huir. Su biografía es su obra, su destino, su expresión escrita o dibujada.

Hablo de un hombre, "reliquia/terra/flor". Hablo de Moita Macedo. Poeta, grabador, pintor; "fue digno del sabor de cada día" (Borges), vivió con intensidad, con emoción. Acero y niebla, agua clara, ternura y bohemia. "Nasci fora de meu tempo", dijo. Era un artista que supo conquistar el tiempo, alejado de lo que hoy representa un artista.

Su arte es largo, su vida fue corta. Cuchillos turbulentos hubo siempre sobre su ser. Desde 1963, apenas veinte años para levantar un universo, con vocación de eternidad. ¡Bienvenidos al dolor, a la humanidad, a la tragedia, al esplendor de la intensidad!

Tomás Paredes

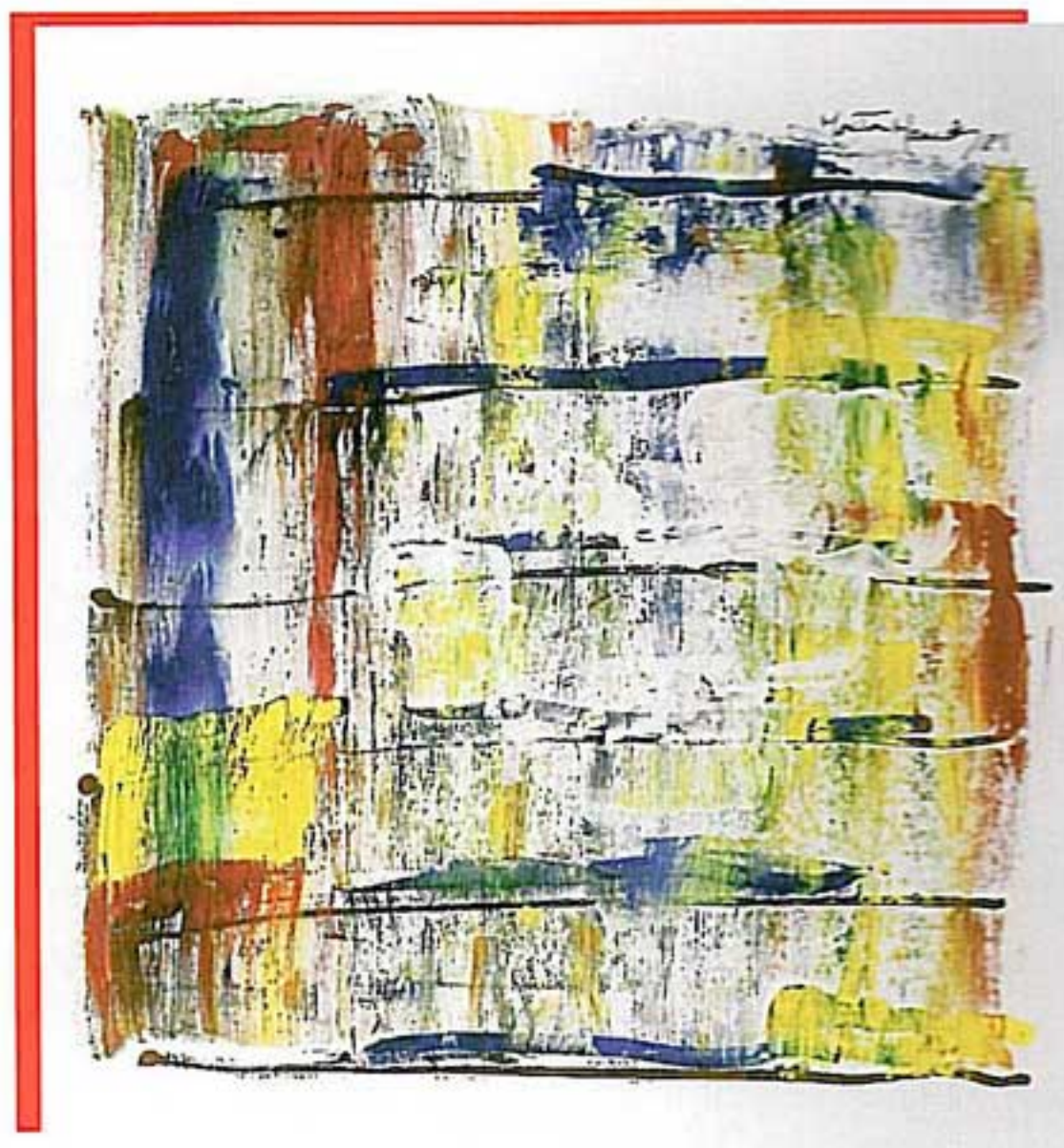
Presidente da Associação M. de Críticos de Arte



Três poemas de amor e desejo

La obra de Moita Macedo Pintor e Poeta impacta e interesa, y nace el deseo de un acercamiento al personaje. Un hombre con prometido con su tiempo, donde ha dejado trazas de su vida y obra. Su obra pictórica – una lección de coherencia con su persona – es como un grito vital que quiere expresarse y comunicarse; una pintura en lucha consigo misma para encontrar las raíces de su propia naturaleza, la de la pintura y la de su entidad como hombre marcado por su entorno y sus sueños utópicos de un mundo libre y justo.

Rafael Canogar
Pintor



Sem título

Não conheci o pintor Moita Macedo. Perca impossível de colmatar. Mas conheço (parte) do seu trabalho como artista plástico, como pintor e como desenhador, que me tem sido revelado pouco a pouco pela Galeria Cordeiros.

De vida breve, mas intensa na sua acção como artista multifacetado, que actua quer no campo das artes da palavra, quer no campo das artes plásticas (pintura, desenho, escultura, azulejo), é neste ultimo que Moita Macedo constrói e desenvolve os valores assumidos pelas correntes modernistas: a explosão geradora dos gestos, o fascínio do jogo matérico e lúdico da alquimia do ofício, a revelação de um lirismo, por vezes subtil, por vezes expressionista. Não o conheci, mas o seu labor e o seu trabalho como pintor e como empreendedor consolidou o sentido experimental e libertário da pintura da qual a minha geração beneficiou.

Mário Bismarck

Pintor e professor da
Faculdade de Belas-Artes do Porto



Sem título